

Inventário de Assertividade de Gambrill E Richey: Adaptação e Validação para o Contexto Universitário Brasileiro

Gambrill and Richey Assertiveness Inventory: Adaptation and Validation for the Brazilian University Context

Ilana Andretta^{1*}, Isadora Rossa², Maria Eduarda de Melo Jardim³ e Adriana Benevides Soares⁴

Resumo

O objetivo do presente estudo é adaptar e validar a versão mexicana do Inventário de Assertividade de Gambrill e Richey para o contexto universitário brasileiro. Participaram desta pesquisa 348 universitários, com idade média de 26.5 (dp=7.56) anos, sendo a maioria do gênero feminino (65.5%; N=228). Utilizou-se um Questionário de dados sociodemográficos; a versão adaptada e traduzida do Inventário de Assertividade de Gambrill e Richey e a Escala Rathus de Assertividade (RAS). O instrumento mostrou boa confiabilidade interna, com alfa de Cronbach igual a .91 na Parte 1 (GD) e na Parte 2 (PR). Em relação à validade convergente, identificou-se correlações significativas e negativas entre a escala RAS e o Inventário de Assertividade, indicando uma validade convergente satisfatória entre os construtos avaliados nos dois instrumentos.

Palavras-chave: assertividade, estudantes universitários, habilidades sociais, Inventário de Assertividade

Abstract

This study aimed to adapt and validate the Mexican version of the Gambrill and Richey Assertiveness Inventory for the Brazilian university context. A total of 348 university students participated, with an average age of 26.5 years (SD=7.56), most of whom were female (65.5%; N=228). The study utilized a sociodemographic data questionnaire, the adapted and translated version of the Gambrill and Richey Assertiveness Inventory, and the Rathus Assertiveness Scale (RAS). The instrument demonstrated good internal reliability, with a Cronbach's alpha of .91 for Part 1 (GD) and Part 2 (PR). Regarding convergent validity, significant negative correlations were identified between the RAS and the Assertiveness Inventory, indicating satisfactory convergent validity between the constructs assessed by the two instruments.

Keywords: assertiveness, college students, social skills, Assertion Inventory

¹Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Docente da graduação e do programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Endereço: Av. Unisinos, 950, bairro Cristo Rei, São Leopoldo/RS, Brasil. CEP: 93022-750. Tel.: +55(51)99913-6213. E-mail: ilana.andretta@gmail.com (*Autora de correspondência).

²Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP). Endereço: Av. Bandeirantes, 3900, Vila Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP, Brasil. CEP: 14040-900. Tel.: +55(54)99134-9265. E-mail: isadorarossa@usp.br.

³Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Psicologia Social pela mesma instituição. Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, Maracanã, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CEP: 20.550-900. Tel.: +55(22)99102-3939. E-mail: duuda.jardim@gmail.com.

⁴Doutora pela Universidade de Paris XI e Pós-Doutora pela USFCar e USF Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, Maracanã, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CEP: 20.550-900. Tel.: +55(21)97309-4969. E-mail: adribenevides@gmail.com

Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica. RIDEP · N°74 · Vol.4 · 215-225 · 2024
ISSN: 1135-3848 print / 2183-6051 online

This work is licensed under CC BY-NC 4.0. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Introdução

O contexto universitário é marcado por diversos desafios, como a entrada no mercado de trabalho; a conciliação frequente entre estudo, estágios e vida social; a realização de tarefas intelectuais e práticas; o cumprimento de prazos e o engajamento em novas relações sociais. Uma parcela significativa dessa população é constituída por jovens adultos, com idade entre 18 e 24 anos (INEP, 2013). Essa faixa etária pode ser compreendida como adulez emergente e é marcada como um momento de maior instabilidade e incerteza, pois está associada à exploração dos âmbitos social e ocupacional. O jovem adulto geralmente inicia a busca por inserção no mercado de trabalho, o engajamento em relações sociais diversas e a descoberta de questões importantes sobre si mesmo, como a escolha da profissão e o seu papel na sociedade (Papalia et al., 2007).

Inseridos nesse contexto, estudos mostram que os universitários possuem uma alta prevalência de transtornos mentais comuns, os quais incluem sintomas de depressão, ansiedade e estresse (e.g. Paixão et al., 2021; Zancan et al., 2021), gerando sofrimento e prejuízo aos estudantes. Uma revisão sistemática realizada por Lopes et al. (2022) teve como objetivo investigar a prevalência de transtornos mentais comuns, que são definidos como sintomas emocionais que geram sofrimento, em universitários brasileiros. Os resultados mostraram que a prevalência variou entre 19% e 55.3%, sendo que em 11 dos 18 estudos incluídos, a frequência foi maior que 40%, um valor considerado superior a outros países. O estudo ressalta a importância de medidas de atenção em saúde mental para a população universitária.

Diante do contexto estressante no qual o universitário está inserido e o risco para o desenvolvimento de transtornos mentais, a literatura evidencia que as Habilidades Sociais (HS) atuam como fator protetivo. As HS são definidas como um conjunto de comportamentos com características específicas e expressos em contextos de interação social. Del Prette e Del Prette (2018, p. 16), as definem como um “construto descritivo dos comportamentos sociais valorizados em determinada cultura, com alta probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, seu grupo e comunidade, que podem

contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais”. Dentre as diferentes HS, está a assertividade.

A assertividade é uma habilidade importante tanto no enfrentamento das situações desafiadoras, quanto no tratamento e prevenção de sintomas emocionais (Speed et al., 2018). Nesse sentido, um estudo com objetivo de analisar a percepção de estudantes universitários em relação aos seus déficits de habilidades sociais indicou que as habilidades assertivas estão dentre as mais citadas pelos estudantes como deficitárias. Ademais, foram observados relatos que associam a dificuldade em ser assertivo ao desenvolvimento de problemas de saúde, inabilidade em expressar a raiva de forma saudável, dificuldade de pedir desculpas e uma piora nas relações interpessoais (Vilela & Lourenço, 2019). A assertividade pode ser definida como a habilidade de expressar sentimentos, autoafirmar-se, defender seus direitos, crenças e opiniões de maneira clara, honesta e efetiva, considerando e respeitando a si próprio e o outro. A resposta assertiva é considerada a mais benéfica a nível social e individual, visto que aumenta a probabilidade de consequências positivas a médio e longo prazo (Altamirano et al., 2009).

Em contrapartida, outros estilos de respostas, como a agressiva e passiva, podem trazer prejuízos individuais e/ou sociais. Na agressividade, apesar de o indivíduo conseguir defender seus direitos, crenças e opiniões, bem como expressar-se e autoafirmar-se, o faz de uma forma hostil, que desrespeita e negligencia o interlocutor. Já na passividade, há uma negligência dos direitos e sentimentos do próprio indivíduo, havendo dificuldades em expressar-se e autoafirmar-se. Com isso, sofre consequências negativas, como não atingir objetivos importantes para si e/ou evocar com maior frequência emoções negativas, como raiva, tristeza, medo e ansiedade, que por não serem expressadas, tornam-se mais frequentes (Queiroz et al., 2023).

Dessa forma, a assertividade é considerada relevante em diversos contextos que requerem interação social, visto que promove ganhos para o indivíduo e para o grupo social. Entretanto, para que esses benefícios possam ser observados, se faz necessária uma definição operacional do construto, visando o desenvolvimento dessa área de pesquisa

(Bosquetti & Souza, 2020; Teixeira et al., 2016). Teixeira et al. (2016) sinalizam que existe um baixo índice de publicações no formato de artigos ou capítulos de livros sobre assertividade. Os autores apontam que um possível empecilho é a escassez de instrumentos nacionais ou adaptados para a cultura brasileira, confirmando a necessidade de avançar no que se refere à avaliação da assertividade em diferentes grupos.

Não foram identificadas revisões de literatura atuais que apresentem os principais instrumentos disponíveis para avaliar a assertividade. Portanto, as duas primeiras autoras deste artigo conduziram em 2023 uma revisão de escopo, com o objetivo de identificar o estado da arte acerca da avaliação e intervenção em assertividade. Os resultados de tal revisão serão publicados em um capítulo de livro que está atualmente em processo de editoração.

De acordo com o levantamento realizado na literatura, estão entre os principais instrumentos que avaliam o construto da assertividade: o *Wolpe-Lazarus Assertiveness Questionnaire* (Wolpe & Lazarus 1966), que é composto de 30 itens com opções de verdadeiro ou falso e tem como objetivo avaliar déficits na assertividade, foi originalmente desenvolvida para fins clínicos; o *Conflict Resolution Inventory* (McFall & Lillesand, 1971), é um inventário composto por 32 itens que descrevem situações em que uma recusa por parte do participante seria apropriada, tem como objetivo avaliar mais especificamente a capacidade de dizer não; o *College Self-Expression Scale* (Galassi et al., 1974), é um instrumento de autorrelato, composto por 50 itens que visam avaliar a assertividade em três dimensões: abnegação, assertividade positiva e negativa; a *Adult Self-Expression Scale* (Gay et al., 1975), avalia através de 48 itens de autorrelato o comportamento assertivo de adultos de forma geral. Estudo de desenvolvimento e de validação da escala foi realizado com adultos de 18 a 60 anos; a *Rathus Assertiveness Scale* (Rathus, 1973), avalia assertividade através de 30 itens, os quais dividem-se em três fatores: inibição vs. desinibição; defesa do ego e preocupação em evitar brigas. Entretanto, a escala se mostrou útil para avaliar apenas o primeiro fator (inibição vs. desinibição) e modesta para avaliar assertividade; o *Assertion Inventory* (Gambrill & Richey, 1975), inventário composto por 40 itens que avaliam a assertividade em duas

medidas: o grau de desconforto ao emitir comportamentos assertivos e a probabilidade de responder assertivamente em determinadas situações.

Além dessas, outras como a *College Women's Assertion Sample* (MacDonald, 1978); Questionário de Comportamentos Assertivos (QCA) (Martins, 2012); Escala de Avaliação de Fatores Assertivos (EFA) (Velázquez, Hernández & Diaz, 2009); *Youth Assertiveness Scale* (YAS) (Niyogil et al., 2022); *The Cognition Scale of Assertiveness* (Golden, 1981); Inventário de Assertividade (Alberti & Emmons, 1978); Escala de Assertividade Positiva (PASS) (Nicholson et al., 2021) e *Adaptive and Aggressive Assertiveness Scales* (AAA-S) (Thompson & Berenbaum, 2011) são utilizadas para avaliar assertividade, porém também não se adequam à realidade brasileira.

Entretanto, desses instrumentos citados, apenas o *Rathus Assertiveness Scale* (RAS) está adaptado e validado para a população universitária brasileira (Pasquali & Gouveia, 2012). O estudo de adaptação foi realizado com 305 universitários com idade entre 17 e 27 anos e os resultados evidenciaram que apenas 20 dos 30 itens originais possuem cargas fatoriais satisfatórias para avaliar o construto proposto. Os 20 itens englobam o fator "inibição vs. desinibição", que segundo os autores avalia a assertividade quando implica interação direta com outras pessoas. Entretanto, os próprios autores ressaltam que a escala não engloba alguns aspectos importantes da assertividade, como comportamentos de autodefesa e desconforto ou liberdade para expressar sentimentos, sendo necessário um instrumento que melhor avalie a assertividade na população universitária (Pasquali & Gouveia, 2012).

Portanto, visando possibilitar o aprofundamento na avaliação da assertividade em estudantes universitários, a escolha pelo Inventário de Assertividade de Gambrill e Richey (1975) se justifica pela proposta dos autores de que o instrumento permite a coleta de diferentes informações sobre o comportamento assertivo (grau de desconforto ao emitir o comportamento e possibilidade de engajamento). Compreende-se que essa característica será capaz de proporcionar a investigação desses aspectos em diferentes grupos, além do direcionamento dos fatores a serem desenvolvidos nos sujeitos respondentes.

Ademais, Cervantes et al. (2011) avançaram no que se refere à investigação dos aspectos psicométricos da escala e adaptaram o instrumento para a população mexicana, fornecendo um Inventário mais atual e compatível ao processo de adaptação para a população brasileira. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é adaptar e apresentar indicadores de validade da escala para o contexto universitário brasileiro a partir da versão mexicana do Inventário de Assertividade de Gambrill e Richey (Cervantes et al., 2011).

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 348 universitários brasileiros, com idade média de 26.5 (dp=7.56) anos, 65.5% (N=228) declararam ser do gênero feminino, 31% (N=108) masculino e 3.4% outros (n=12). A maioria dos participantes estavam matriculados no curso de Psicologia (33.0%; N=115), seguido de Medicina (3.1%, N=11) e Enfermagem (2.5%, N=9). A amostra teve representantes dos 26 estados do Brasil e Distrito Federal, sendo a maioria do Espírito Santo (M=20.11%; N=70); Rio Grande do Sul (14.36%; N=50) e Distrito Federal (14.36%; N=50). Foram incluídos na pesquisa todos aqueles que estivessem matriculados em disciplinas do Ensino Superior no Brasil, foram excluídos aqueles com menos de 18 anos completos ou que estivessem em programas de pós-graduação.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos

Objetiva caracterizar a amostra e investigar dados pessoais e acerca da formação dos participantes. No questionário, constavam perguntas sobre o gênero, idade, estado que reside e curso que está matriculado.

Inventário de Assertividade de Gambrill y Richey II (Cervantes et al., 2011)

É uma escala de autorrelato que avalia 39 itens relacionados ao Grau de Desconforto (GD) e a Probabilidade de Respostas (PR) assertivas na interação com pessoas desconhecidas, amigos, colegas de trabalho e pessoas íntimas. Os participantes respondem a uma escala Likert de cinco pontos para cada parte do instrumento, sendo

1 (nada) a 5 (demasiado) para o GD e 1 (eu sempre faria) a 5 (eu nunca faria) para a PR. Após responder as escalas Likert, o participante é questionado sobre as situações em que gostaria de manejar de forma mais assertiva, estas respostas são analisadas qualitativamente, para fins terapêuticos. Enquanto a parte quantitativa é analisada através de uma soma simples das respostas obtidas em cada parte do instrumento (GD e PR), entende-se que quanto menor o escore nas duas subescalas, mais assertiva a pessoa é. As pontuações classificam os indivíduos em quatro grupos possíveis: assertivos (baixo GD e alto PR); indiferentes (baixo GD e baixa PR); ansiosos (alto GD e alta PR) e não assertivos (alto GD e baixa PR). Os participantes do estudo de validação foram 1050 adultos escolhidos de maneira aleatória e não probabilística, com idades entre 16 e 65 anos. Como critérios de inclusão os participantes deveriam saber ler e escrever e habitarem a cidade do México.

A subescala referente ao GD é composta por oito fatores, sendo eles: F1- Manejar situações de serviço; F2- Confrontação; F3- Admitir dificuldades pessoais; F4- Lidar com uma situação incômoda; F5- Participar de conversas agradáveis; F6- Negar pedidos; F7- Dar feedback negativo; 8- Iniciar interações. A subescala PR também contempla 8 fatores, mas que avaliam aspectos diferentes: F1- Admitir dificuldades pessoais; F2- Confrontação; F3- Manejar situações de serviço; F4- Participar de conversas agradáveis; F5- Dar feedback negativo; F6- Iniciar interações; F7- Negar pedidos; F8- Resistir à pressão de outras pessoas. No estudo de Cervantes et al. (2011) o inventário se mostrou confiável, com valores de Alfa de Cronbach satisfatórios para as duas partes do instrumento (.91 e .88 para GD e PR, respectivamente). No presente estudo, o Alfa foi de .91 para o GD e .90 para a PR. A versão já traduzida e adaptada linguisticamente ao contexto brasileiro foi disponibilizada para os participantes.

Escala de Assertividade Rathus - RAS

A escala foi criada por Rathus (1973), nos Estados Unidos. Originalmente é composta por 30 itens objetivos que descrevem comportamentos em relação a situações interpessoais, diante das quais os sujeitos empregam um número de 1 (pouco característico de mim) a 6 (muito característico de

mim) para definir sua reação diante destas situações. Essa escala foi adaptada e validada para o Brasil por Pasquali e Gouveia (2012) por uma amostra de 302 estudantes secundaristas e universitários.

No estudo de validação ao contexto brasileiro, percebeu-se a presença de um grande fator, composto por 20 (itens 1, 2, 3, 4, 5, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 29) dos 30 itens originais da escala Rathus, com cargas relevantes. Esse fator foi definido como inibição vs. desinibição e apresentou uma consistência interna de .81 (Alpha de Cronbach), sendo essa escala modesta para medir assertividade, porém útil para medir inibição vs. desinibição. No presente estudo, o Alpha de Cronbach da escala total (composta pelos 30 itens) foi de .89, mostrando-se satisfatório para avaliar o construto de assertividade. A correção do instrumento é realizada através de uma soma simples, considerando os itens que são computados de maneira inversa (itens 1, 2, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 26, 28, 30), e compreende-se que quanto maior a pontuação, maior o nível de assertividade.

Procedimentos de adaptação

Na primeira etapa dois tradutores bilíngues independentes foram contratados e realizaram o procedimento de tradução do instrumento, da língua espanhola para o português brasileiro. Ambos eram fluentes no idioma original do inventário e nativos na língua-alvo. Após a primeira tradução, foi realizado o processo de síntese, em que as pesquisadoras e mais três juízes, experientes no construto de assertividade, analisaram as duas versões traduzidas e entraram em um consenso quanto à melhor versão a ser utilizada. Nessa parte, foi considerada equivalência semântica, idiomática, experiencial e conceitual.

Após a síntese, a versão foi apreciada por cinco experts da área, todos psicólogos, com o objetivo de avaliar questões como *repport*, *layout* e coerência da linguagem com o contexto para o qual está sendo adaptada. Nessa etapa, alguns itens sofreram alteração, como por exemplo, o item 20, em que a frase havia sido traduzida como “entrar em situações sociais com novos amigos e estranhos”. Considerando a literalidade do verbo “entrar” e visando a melhor compreensão do

público-alvo, o item foi alterado para: “socializar com novos amigos ou estranhos”. Os itens 26, 28 e 39 também sofreram pequenas alterações verbais.

Além disso, o instrumento adaptado foi aplicado de maneira *online*, havendo alterações no *layout*. O instrumento original é composto pelos 39 itens localizados no centro da página e duas colunas ao lado de cada item. Uma coluna correspondia ao espaço para a resposta de GD e a outra para PR. Na nova versão, o participante deveria responder primeiro sobre o seu GD em todos os itens, e depois os 39 itens eram repetidos, para que o participante desse suas respostas quanto a PR. A alteração foi realizada em decorrência da coleta de dados ter ocorrido de forma *online*, o recurso de formulário eletrônico não possibilitava duas respostas para um mesmo item da questão.

Após as alterações sugeridas pelo grupo de experts, a primeira versão do instrumento adaptado foi aplicada para uma pequena amostra do público-alvo. Os estudantes universitários foram recrutados por conveniência, por meio de divulgação no meio acadêmico, e com isso, 39 estudantes responderam ao instrumento de forma *online*, sob supervisão da primeira autora deste artigo. Eles foram incentivados a ler com atenção e tecer comentários quanto à compreensão do instrumento e eventuais dificuldades tidas no decorrer do preenchimento. Nessa etapa, não houve sugestões de alteração, o *feedback* foi positivo quanto à compreensão dos itens e facilidade para responder o instrumento.

O último passo foi o de tradução reversa, em que o instrumento foi traduzido novamente, da versão em português para o idioma de origem do instrumento (espanhol). A tradução reversa foi realizada por uma tradutora independente, fluente na língua espanhola. Nessa etapa, não se objetiva que a tradução reversa fique exatamente igual ao instrumento de origem, mas sim que haja coerência entre as duas versões e fidedignidade com o construto analisado (Borsa et al., 2012). A versão retraduzida foi enviada para a autora do instrumento original para que lesse e analisasse possíveis diferenças conceituais e de sentido, produzindo discussões e alterações, caso necessário. A autora do instrumento original não achou diferenças importantes que pudessem comprometer o conceito ou o sentido do inventário, foram constatadas apenas mudanças verbais e de construção das frases, que se deram em decorrência

Tabela 1. Comparação itens originais do Inventário de Assertividade e após tradução

Item original	Item traduzido e adaptado
1. Decirle a alguien que te pide prestado tu auto que no puedes	1. Dizer a alguém que lhe pede o seu carro, que você não pode
2. Hacer cumplidos a un amigo.	2. Elogiar um amigo(a)
3. Admitir que tiene problemas y necesita ayuda.	3. Admitir que está com dificuldades e que necessita de
4. Resiste a la tentación de comprar algo en oferta.	4. Resistir à tentação de comprar algo em promoção.
5. Pedir disculpas.	5. Pedir desculpas.
6. Negar la solicitud de alguien para una reunión o un encuentro.	6. Negar o pedido de alguém para uma reunião ou encontro.
7. Admitir que tiene miedo y pedir comprensión.	7. Admitir que tem medo e pedir
8. Decir a una persona con la que tengas una relación íntima, que	8. Dizer a uma pessoa, com quem tem uma relação íntima, que
9. Llamar la atención de un vendedor en una tienda porque estaba	9. Chamar a atenção de um vendedor de uma loja pois estava
10. Aceptar que no sabes sobre algún tema.	10. Aceitar que não sabe sobre algum tema e/ou assunto.
11. Negarse a prestar dinero.	11. Se negar a emprestar dinheiro.
12. Hacer preguntas personales.	12. Fazer perguntas pessoais.
13. Interrumpir la conversación con un amigo que habla mucho.	13. Interromper a conversa com um amigo que fala muito.
14. Pedir una crítica constructiva.	14. Pedir uma crítica construtiva.
15. Empezar una conversación con alguien que no conoces.	15. Começar uma conversa com um estranho.
16. Hacer cumplidos a una persona con la que estás	16. Elogiar uma pessoa com quem está sentimentalmente
17. Solicitar una reunión.	17. Solicitar uma reunião ou encontro.
18. Discutir abiertamente con una persona que respetes, cuando	18. Discutir abertamente com uma pessoa que você respeita,
19. Admitir confusión sobre un punto de discusión y pedir	19. Admitir confusão sobre um ponto de discussão e pedir
20. Socializar con nuevos amigos o personas que no conoces.	20. Socializar com novos amigos ou estranhos.
21. Preguntar si ofendiste a alguien.	21. Perguntar se você ofendeu alguém.
22. Solicitar un servicio que estás esperando para ser atendido, por	22. Reivindicar um serviço pelo qual está esperando para ser
23. Discutir abiertamente con una persona que critique su	23. Discutir abertamente com uma pessoa que critica o seu
24. Devolver productos que tengan defectos, por ejemplo, en una	24. Devolver produtos com defeito, por exemplo, em uma loja ou
25. Expresar una opinión contraria a la persona con la que se estás	25. Expressar uma opinião contrária a da pessoa com quem você
26. Resistir las propuestas sexuales cuando no le interese.	26. Resistir a investimentos sexuais quando não está
27. Decir a alguien que sientes que esta persona ha sido injusta	27. Dizer a uma pessoa que sente que ela foi injusta com você.
28. Aceptar una invitación a una cita romántica.	28. Aceitar um convite para um encontro romântico.
29. Decir a alguien que eres bueno en algo.	29. Dizer a alguém que você se saiu muito bem em algo.
30. Resistir a la presión de alguien que insiste en que bebas	30. Resistir à pressão de alguém que insiste que você beba bebidas
31. Decir a alguien importante para ti que persona está	31. Dizer a uma pessoa importante para você que ela
32. Renunciar a su trabajo o algo muy importante para ti.	32. Renunciar ao seu emprego ou a algo muito importante para
33. Resistir a la presión de alguien que quiera hacerte enojar.	33. Resistir à pressão de alguém que quer te deixar com raiva.
34. Discutir abiertamente con una persona que critique su trabajo.	34. Discutir abertamente com uma pessoa que critica o seu
35. Llamar la atención de una persona a la que le has prestado	35. Chamar a atenção de uma pessoa para quem tenha emprestado
36. Recibir elogios.	36. Receber elogios.
37. Continuar una conversación con alguien que no esté de	37. Continuar a conversa com alguém que não concorda com
38. Decir a un compañero de trabajo que algo que él dijo te	38. Dizer a um(a) colega de trabalho que algo que ele(a) diz ou
39. Pedir a una persona que te ha molestado delante de otras	39. Pedir a uma pessoa que tenha te incomodado na frente de

de diferenças semânticas entre as duas línguas. A Tabela 1 apresenta todos os 39 itens na sua versão original e final.

Procedimentos éticos e de coleta de dados

A presente pesquisa seguiu as orientações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e aprovado sob o parecer número 5.123.271. Após o processo de adaptação do inventário para o público-alvo, a pesquisa foi divulgada por meio de mídias sociais, e-mails para instituições de Ensino Superior e contatos acadêmicos. Os instrumentos foram disponibilizados através de um *link* de formulário eletrônico, em que primeiro os participantes tinham

acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O TCLE continha informações sobre possíveis desconfortos experienciados ao responder os instrumentos e explicitava o poder de escolha sobre deixar de responder a pesquisa a qualquer momento. O contato da pesquisadora também foi disponibilizado em caso de dúvidas ou necessidade de encaminhamentos. Após aceite no TCLE, o participante tinha acesso ao Questionário Sociodemográfico, ao Inventário de Assertividade e ao RAS, respectivamente.

Procedimentos de análise de dados

Nas análises que envolveram a validade de construto, foi empregada primeiro a Análise Fatorial Exploratória (AFE), na qual os fatores

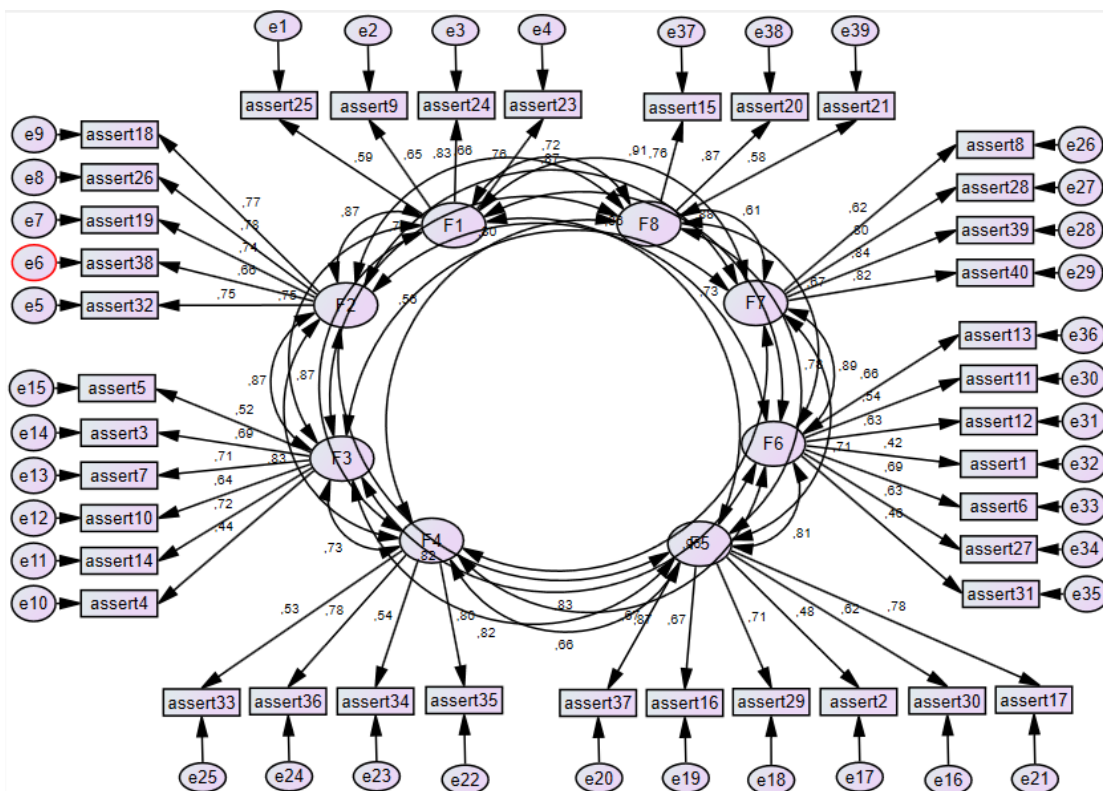


Figura 1. Diagrama de caminhos escala de assertividade Grau de Desconforto (GD) (Parte 1)

comuns retidos foram aqueles que apresentavam autovalores superiores a 1, bem como, análises paralelas e a percentagem de variância retida. Inicialmente foi empregada a Análise de Componentes Principais (ACP), buscando-se identificar a adequação da amostra, bem como qual a estrutura da escala se adequa a esta nova população, possibilitando identificar o máximo de fatores a serem considerados. A análise da adequação da amostra considerou o teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett*.

A partir da satisfação dos critérios básicos para o emprego da técnica AFE, e considerando a composição de oito fatores do instrumento original, foi utilizado o método de Análise Fatorial dos Eixos Principais (Principal Axis Factoring - PAF), considerando a rotação oblíqua dos fatores pelo método Promax, para definir o número máximo de oito fatores na parte 1 e na parte 2. Considera-se aceitáveis os itens com no mínimo .40 de significância (Hair et al., 2009).

Na Análise Fatorial Exploratória (AFE), estimada para oito fatores nas duas partes da escala, identificou-se a presença de cargas compartilhadas, bem como, ordem de definição dos fatores diferentes daquela observada na estrutura do

instrumento original. Portanto, realizou-se a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) através da Modelagem de Equações Estruturais (MEE). Para a análise de validade convergente utilizou-se como variável externa a escala Rathus (RAS) e as correlações foram verificadas através da Correlação de Pearson e ANOVA.

Resultados

Os resultados apontaram um KMO representativo (Parte 1: .95 / Parte2: .94) e a fatorabilidade da matriz de correlação foi confirmada pelo teste de esfericidade de *Bartlett* (Parte 1 - $\chi^2=7354.219$; $p<.001$ / Parte 2: $\chi^2=6792.952$; $p<.001$). Esses coeficientes apontaram que os itens do Inventário de Assertividade estão correlacionados significativamente, possibilitando a estimativa de variáveis latentes, ou seja, revelaram que a amostra apresentou adequação para o emprego da técnica AFE, para as duas partes da escala.

A partir da análise fatorial dos eixos principais (PAF), foi encontrado que todos os itens apresentaram comunalidades acima de .40, evidenciando a importância de todas as questões, tanto para o GD, quanto para a PR. Portanto, não

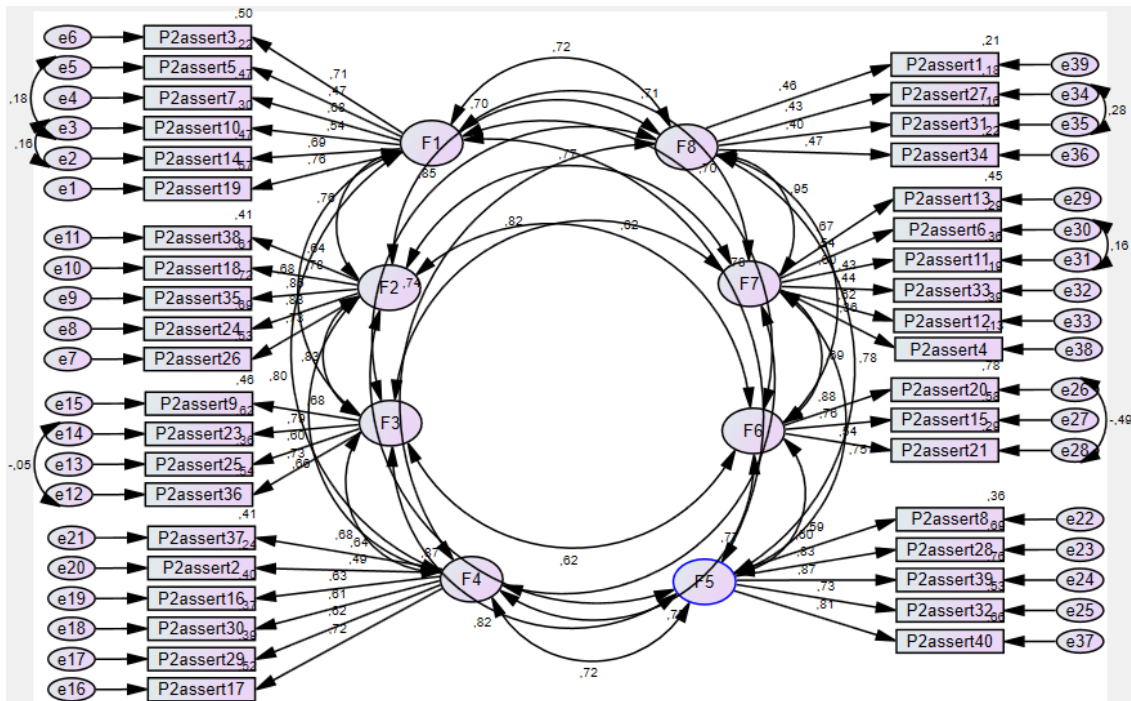


Figura 2. Diagrama de caminhos escala de assertividade Probabilidade de Resposta (PR) (Parte 2)

há evidências de que algum item deva ser excluído da escala, por falta de contribuição no poder de explicação. Quanto aos resultados da AFC a partir da equação estrutural, foram estruturados os diagramas de caminhos, representando a especificação dos modelos para as partes 1 e 2 do Inventário de Assertividade. Os diagramas propostos retratam todas as 39 variáveis em seus respectivos fatores (Figuras 1 e 2).

Tabela 2. Índices de qualidade de ajuste para o modelo de oito fatores obtidos pela AFC

Parâmetros de adequação	Modelos Fatorial Confirmatória	
	Parte 1	Parte 2
Ajustamento global		
$\chi^2/g.l.$ (<5.0)	2.34	2.61
Índice de ajuste absoluto		
RMR (SRMR)	0.07 (.05)	0.07 (.06)
RMSEA	0.05 (IC95%: .04 – .06)	0.05 (IC95%: .04 – .05)
GFI (AGFI)	0.90 (.91)	0.91 (.91)
Índice de ajuste		
TLI	0.93	0.91
NFI	0.92	0.89
PNFI	0.89	0.90
CFI	0.97	0.91

Nota. Razão entre c^2 e os graus de liberdade: testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados, onde valores até 5 indicam um ajustamento adequado. Raiz Quadrada Média Residual Padronizada (SRMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero. [$<.08$]. Comparative Fit Index (CFI) e O Tucker-Lewis Index (TLI): compara, de forma geral, o modelo estimado e o modelo nulo, onde um escore maior do que .90 indica que o modelo pretendido seria o que melhor representa o construto a se confirmar. [$>.900$]. Goodness-of-Fit Index (GFI): indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo, onde valores na casa dos .80 e .90, ou superior, indicam um ajustamento satisfatório. Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), valores menores indicam um modelo ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre .05 e .08, aceitando-se valores de até .10. () NFI: proporção da diferença no valor do c^2 para o modelo ajustado, dividido pelo c^2 do modelo nulo. [ideal>.900].

No que se refere aos resultados observados, na parte 1 e na parte 2, verificou-se que a adequação do número de variáveis ao tamanho de amostra, estimada pela razão entre Qui-quadrado e os graus de liberdade (X^2 / gl) foram de 2.34 e 2.61 respectivamente, valores inferiores a 3, apontando para uma adequação satisfatória do modelo teórico aos dados, conforme apontado na Tabela 2.

Conforme Tabela 3, a confiabilidade dos fatores se mostrou adequada, quando investigada por meio da magnitude do alfa de Cronbach (α_C), em que ocorreram estimativas acima de .70. Apenas o fator 8 da parte 2 foi considerado aceitável ($\alpha_C=.68$), com alfa menor que .70. Da mesma forma, quando calculada a média aritmética da correlação item-total, as correlações foram acima de .50, apontando que, cada fator aborda um conteúdo teoricamente homogêneo e pertinente ao conceito sob análise.

Em relação à validade convergente, de acordo com os resultados apresentados na Tabela 4, identificou-se correlações significativas e negativas entre a escala RAS e o Inventário de Assertividade. Tanto na Parte 1 (GD), quanto na parte 2 (PR) os coeficientes variaram de moderado $|.300|<r\leq|.600|$ a forte $|.600|<r\leq|.900|$, indicando uma validade convergente satisfatória entre os construtos avaliados nos dois instrumentos.

Tabela 3. Média, desvio padrão, mediana e consistência interna para os fatores do Inventário de Assertividade

Escala de assertividade	Medidas descritivas			Alpha de Cronbach (α C)
	Média	Desvio	Mediana	
Parte 1 Grau de desconforto				.91
F1- Manejar situações de serviço	2.9	1.1	3.0	.80
F2- Confrontação	2.8	1.0	2.8	.86
F3- Admitir dificuldades pessoais	2.8	0.9	2.7	.79
F4- Lidar com uma situação incômoda	3.3	1.0	3.3	.77
F5- Participar de conversas agradáveis	2.6	1.0	2.6	.83
F6- Negar pedidos	2.7	.9	2.7	.78
F7- Dar feedback negativo	3.2	1.1	3.3	.85
F8- Iniciar interações	3.0	1.1	3.0	.75
Parte 2 Probabilidade de resposta				.91
F1- Admitir dificuldades pessoais	2.6	.8	2.7	.82
F2- Confrontação	2.8	.9	2.8	.88
F3- Manejar situações de serviço	2.9	.9	3.0	.79
F4- Participar de conversas agradáveis	2.5	.8	2.4	.79
F5- Dar feedback negativo	2.9	1.0	2.8	.88
F6- Iniciar interações	2.8	1.0	3.0	.71
F7- Negar pedidos	2.8	.7	2.8	.72
F8- Resistir a pressão de outras pessoas	2.2	.7	2.3	.68

Tabela 4. Correlação entre Escala RAS e aos fatores do Inventário de Assertividade

Escala de assertividade	Coeficiente de correlação de Pearson RAS	
	r	p
Parte 1 Grau de desconforto (GD)		
F1- Manejar situações de serviço	-.62**	<.0001
F2- Confrontação	-.56**	<.0001
F3- Admitir dificuldades pessoais	-.51**	<.0001
F4- Lidar com uma situação incômoda	-.50**	<.0001
F5- Participar de conversas agradáveis	-.48**	<.001
F6- Negar pedidos	-.58**	<.0001
F7- Dar feedback negativo	-.61**	<.0001
F8- Iniciar interações	-.53**	<.0001
Parte 2 Probabilidade de resposta (PR)		
F1- Admitir dificuldades pessoais	-.43**	<.001
F2- Confrontação	-.55**	<.0001
F3- Manejar situações de serviço	-.62**	<.0001
F4- Participar de conversas agradáveis	-.49**	<.001
F5- Dar feedback negativo	-.63**	<.0001
F6- Iniciar interações	-.46**	<.001
F7- Negar pedidos	-.46**	<.001
F8- Resistir a pressão de outras pessoas	-.38**	.006

Discussão

Os resultados demonstraram que os dados se adequaram ao modelo teórico e a confiabilidade dos fatores também se mostrou adequada. Dessa forma, o inventário se mostra um instrumento útil para avaliação da assertividade em universitários. Sabe-se que essa população possui alta prevalência em transtornos mentais comuns (Paixão et al., 2021; Zancan et al., 2021), e neste sentido compreendeu-se que a assertividade é um importante recurso para lidar de maneira saudável com situações estressantes e problemáticas (Bortolatto et al., 2022; Speed et al., 2018).

Considerando a importância da assertividade para uma interação saudável com o contexto em que se encontra, Bortolatto et al. (2022) sinalizam que entender habilidades sociais, dentre as quais se situam as habilidades assertivas, se faz relevante. Essa compreensão pode contribuir para direcionar ações institucionais que visem investir em fatores de proteção e minimizar os riscos no ambiente universitário. Além disso, observa-se na literatura que estudantes frequentemente são capazes de identificar seus comportamentos não assertivos no contexto universitário (Vilela & Lourenço, 2019), no entanto, se faz necessário mapear de que forma as habilidades deles são deficitárias.

Sendo assim, é relevante que sejam desenvolvidos e/ou adaptados instrumentos capazes de possibilitar a investigação da assertividade de maneira mais aprofundada, como propõe o Inventário de Assertividade. Gambrill e Richey (1975) sinalizam que o inventário foi construído a partir de uma tentativa de desenvolver um instrumento que fosse utilizável com uma variedade de indivíduos e que permitisse a coleta de diferentes informações sobre o comportamento assertivo, como o grau de desconforto em relação a situações específicas, a probabilidade de se engajar em um comportamento e a identificação de situações que uma pessoa gostaria de ser assertivo.

Dessa forma, a adequação teórica indica a possibilidade de que as investigações na população universitária sejam aprofundadas, identificando o desconforto e o engajamento em comportamentos assertivos, dado que é a combinação destes dois fatores pode exigir diferentes procedimentos de mudança de comportamento (Gambrill & Richey, 1975). Além disso, os autores ressaltam que a inclusão de desconforto e probabilidade de resposta permite a descrição de possíveis diferenças entre grupos, como homens ou mulheres, populações tratadas ou não tratadas, entre outros.

Ademais, identificou-se que a validade convergente foi satisfatória entre o Inventário de Assertividade e a escala RAS. Esse dado indica a correlação significativa entre as duas medidas e é uma medida de confiabilidade dos resultados favoráveis ao uso do instrumento. Pontua-se, entretanto, que o presente estudo apresenta como contribuição uma ampliação da aferição da assertividade por meio do Inventário de Assertividade visto sua capacidade de identificar o desconforto e a probabilidade de resposta, enquanto na escala RAS os autores sinalizam que a capacidade de se sentir livre para expressar seus sentimentos positivos e negativos não aparece clara (Pasquali & Gouveia, 2012).

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo adaptar e validar a versão mexicana do Inventário de Assertividade de Gambrill e Richey (Cervantes et al., 2011) para o contexto universitário brasileiro. Os resultados indicaram que o instrumento possui bons índices de ajuste e se adequaram ao modelo

teórico, sendo assim uma ferramenta útil e relevante para a avaliação de assertividade em estudantes universitários.

Pode-se afirmar que o estudo contribui para que a população universitária possa ser estudada de maneira mais aprofundada no que se refere às habilidades assertivas, que vêm sendo descritas como essenciais para uma boa convivência no ambiente acadêmico. Por meio da utilização de ferramentas como a que foi apresentada no presente estudo, é possível que sejam elucidadas as maiores dificuldades dos estudantes ao lidarem com situações que podem ser consideradas difíceis.

Como limitações do estudo, pode-se considerar que os participantes eram estudantes da área da saúde, dessa forma, deve-se evitar a generalização dos resultados. Como perspectivas futuras, indica-se que sejam realizadas pesquisas com populações de outras áreas de conhecimento, além de se expandirem os estudos acerca da expressão de comportamentos assertivos na população universitária.

Referências

- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22, 423-432.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Bortolatto, M. D. O., Kronbauer, J., Rodrigues, G., Limberger, J., Menezes, C. B., Andretta, I., & Lopes, F. M. (2022). Avaliação de habilidades sociais em universitários. *Revista Psicopedagogia*, 39(118), 83-96.
<https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220007>
- Bosquetti, M. A., & de Souza, S. R. (2020). Assertividade e Análise do Comportamento: Uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22(1), 1-13.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v21i2.1153>
- Cervantes, S. C., Lagunes, I. R., Aragón, S. R., & Loving, R. D. (2011). Estandarización del inventario de asertividad de Gambrill y Richey-II. *Revista Iberoamericana de*

- Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 1(29), 27-50.
<https://www.redalyc.org/pdf/4596/459645441003.pdf>
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2018). Competência social e habilidades sociais: Manual teórico-prático. Editora Vozes Limitada.
- Gambrill, E. D., & Richey, C. A. (1975). An assertion inventory for use in assessment and research. *Behavior therapy*, 6(4), 550-561.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(75\)80013-X](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(75)80013-X)
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). Análise multivariada de dados. Bookman Editora.
- INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2015). Censo da Educação Superior 2013: Resumo técnico. Brasília, DF: INEP. Recuperado de http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf
- Lopes, F. M., Lessa, R. T., Carvalho, R. A., Reichert, R. A., Andrade, A. L. M., & De Micheli, D. (2022). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 16(1), 1-23.
<https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31105>
- Paixão J.T., Macêdo A.C., Melo G.C., Silva Y.S., Silva M.A., & Rezende N.S.(2021). Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários da área da saúde. *Enfermagem em Foco*, 12(4), 780-786.
<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n4.4595>
- Papaplia, Diane E., Olds, Sally Wendkos, & Feldman, Ruth Duskin. (2007). *Human development*. McGraw-Hill.
- Pasquali, L., & Gouveia, V. V. (2012). Escala de assertividade Rathus-Ras: Adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(3), 233-249.
<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17096>
- Queiroz Balbi Neto, R. R., Batista Borloti, E., & Bender Haydu, V. (2023). Comportamento autoclítico nos repertórios interpessoais passivo, agressivo e assertivo. *Acta Comportamental*, 31(1), 121-143.
<https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/85002>
- Rathus, S. A. (1973). A 30-item schedule for assessing assertive behavior. *Behavior therapy*, 4(3), 398-406.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(73\)80120-0](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(73)80120-0)
- Saldaña, G. N., Contreras, M. V., & Albornoz, J. M. (2017). Propiedades psicométricas del inventario de asertividad de gambrill y richey en estudiantes universitarios chilenos. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 1(43), 33-43.
- Speed, B. C., Goldstein, B. L., & Goldfried, M. R. (2018). Assertiveness training: A forgotten evidence-based treatment. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 25(1), e12216. <https://doi.org/10.1111/cpsp.12216>
- Teixeira, C. M., Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. (2016). Assertividade: Uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(2), 56-72.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i2.883>
- Velazquez Altamirano, M., Arellanez Hernández, J. L., & Martínez García, A. L. (2012). Assertividade e consumo de drogas em estudantes mexicanos. *Acta colombiana de Psicología*, 15(1), 131-141.
http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-91552012000100013&script=sci_abstract&tln_g=pt
- Vilela, N. G. S., & Lourenço, M. L. (2019). Déficit de habilidades sociais: Análise da percepção de estudantes universitários. *Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo*, 7(1), 01-12.
<http://incubadora.periodicos.ifsc.edu.br/index.php/ReCAT/article/view/365>
- Zancan, Renata Klein, Machado, Antônio Bonfada Collares, Boff, Natália, & Oliveira, Margareth da Silva. (2021). Estresse, Ansiedade, Depressão e Inflexibilidade Psicológica em Estudantes Universitários de Graduação e Pós-Graduação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(2), 749-767.
<https://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.61067>